



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA BENTO XVI
AOS VOLUNTÁRIOS CATÓLICOS EUROPEUS
PARTICIPANTES NO CONGRESSO ORGANIZADO
PELO PONTIFÍCIO CONSELHO «COR UNUM»**

*Sala Clementina
Sexta-feira, 11 de Novembro de 2011*

Eminências

Amados Irmãos Bispos

Dilectos amigos

Estou grato pela oportunidade de vos saudar, no momento em que vos reunis sob o patrocínio do Pontifício Conselho «*Cor Unum*» neste Ano Europeu do Voluntariado.

Permiti que eu comece agradecendo ao Cardeal Robert Sarah as amáveis palavras que me dirigiu em vosso nome. Também gostaria de manifestar a minha profunda gratidão e, por extensão, aos milhões de voluntários católicos que contribuem, regular e generosamente, para a missão caritativa da Igreja no mundo inteiro. No momento presente, caracterizado por crises e incertezas, o vosso compromisso constitui um motivo de confiança, pois demonstra que a bondade existe e continua a prosperar no meio de nós. A fé de todos os católicos é certamente fortalecida quando eles se dão conta de todo o bem que se realiza em nome de Cristo (cf. *Fm* 6).

Para os cristãos, o trabalho de voluntariado não é meramente uma expressão de boa vontade, porque se fundamenta na experiência pessoal de Cristo. Ele foi o primeiro que serviu a humanidade, e livremente entregou a sua vida para o bem de todos. Este dom não se baseava nos nossos méritos. Isto ensina-nos que Deus se oferece a Si mesmo a nós. Mais ainda: *Deus Caritas est* — Deus é amor, para citar uma frase da Primeira Carta de São João (4, 8), que utilizei como título da minha [primeira Carta Encíclica](#). A experiência do amor generoso de Deus desafia-nos e liberta-nos para que adoptemos esta mesma atitude em relação aos nossos irmãos e irmãs:

«Recebestes de graça, dai também de graça» (*Mt 10, 8*). Experimentamos isto de maneira especial na Eucaristia, quando o Filho de Deus, na fracção do pão, une a dimensão vertical do seu dom divino com a dimensão horizontal do nosso serviço aos irmãos e às irmãs.

Que a graça de Cristo nos possa ajudar a descobrir em nós o anseio humano de solidariedade e de vocação fundamental para o amor. A sua graça aperfeiçoa, fortalece e eleva esta vocação e permite-nos servir o próximo sem recompensa, satisfação ou compensação algum. Vemos aqui algo da grandeza da nossa vocação humana: servir o próximo com a mesma liberdade e generosidade que caracteriza o próprio Deus. Tornamo-nos também instrumentos visíveis do seu amor num mundo que ainda anseia profundamente por aquele amor no âmbito da pobreza, solidão, marginalização e ignorância que vemos ao nosso redor.

Certamente, o trabalho dos voluntários católicos não pode atender todas as necessidades, mas isto não nos desanima. Nem nos deveríamos deixar seduzir pelas ideologias que querem transformar o mundo segundo uma visão puramente humana. O pouco que poderemos fazer a fim de aliviar as necessidades humanas pode ser considerado como uma boa semente que brotará originando muitos frutos. É um sinal da presença e do amor de Cristo que, como a árvore do Evangelho, cresce para dar abrigo, protecção e força a todos aqueles que precisam dela.

Esta é a natureza do testemunho que vós, com toda a humildade e convicção, oferecis à sociedade civil. Não obstante, seja dever da autoridade pública reconhecer e apreciar este contributo sem o deturpar, o vosso papel como cristãos consiste em participar activamente na vida da sociedade, procurando torná-la cada vez mais humana, cada vez mais caracterizada pela liberdade, justiça e solidariedade autênticas.

O nosso encontro de hoje realiza-se na memória litúrgica de são Martinho de Tours. Frequentemente representado enquanto reparte o manto com um pobre, Martinho tornou-se modelo de caridade em toda a Europa e, de facto, no mundo inteiro. Hoje, o trabalho de voluntariado na qualidade de serviço de caridade tornou-se um elemento da nossa cultura moderna universalmente reconhecido. Todavia, as suas origens são ainda visíveis na particular solicitude cristã pela tutela, sem discriminação, da dignidade da pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus. Se estas raízes espirituais forem negadas ou obscurecidas e os critérios da nossa colaboração se tornarem meramente utilitaristas, o que há de mais característico no serviço que oferecis corre o risco de se perder, em detrimento da sociedade na sua globalidade.

Queridos amigos, desejo concluir encorajando os jovens a descobrir no trabalho de voluntariado um modo para incrementar o próprio amor oblativo que conceda à vida o seu significativo mais profundo. Os jovens reagem rapidamente à vocação de amor. Ajudemo-los a escutar Cristo que faz ouvir a sua chamada no seu coração e os atrai para si. Não devemos ter medo de lhes apresentar um desafio radical que transforma a vida, ajudando-os a compreender que os nossos corações servem para amar e para ser amados. É ao doar a nós mesmo que vivemos a vida em

toda a sua plenitude.

Com estes sentimentos, agradeço novamente a todos vós e a quantos representais. Peço a Deus para vigiar sobre as vossas numerosas obras de serviço e torná-las cada vez mais fecundas espiritualmente para o bem da Igreja e do mundo inteiro. Concedo de bom grado a vós e aos voluntários a minha Bênção Apostólica.

© Copyright 2011 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana